

7MARGENS

# Caderno 7MARGENS sobre o Sínodo



Sínodo  
2021  
2023

Por uma Igreja sinodal  
comunhão | participação | missão

# **1**

O 7MARGENS e o sentido e alcance do Sínodo da Igreja Católica

# **2**

À escuta dos leitores – um inquérito do 7M sobre o Sínodo dos bispos católicos

# **3**

1036 vozes que querem ser ouvidas

# **4**

Maioria muito crítica de como a Igreja decide

# **5**

Católicos portugueses muito céticos sobre impacte do Sínodo na Igreja em Portugal

# **6**

Forte apelo à “desclericalização” da Igreja Católica

# **7**

Mais qualidade das celebrações e homilias, e celibato facultativo

# **8**

Das “baixas expectativas” à “oportunidade de uma Igreja aberta”

# **9**

Católicos portugueses querem bispos próximos, ao estilo do Papa Francisco

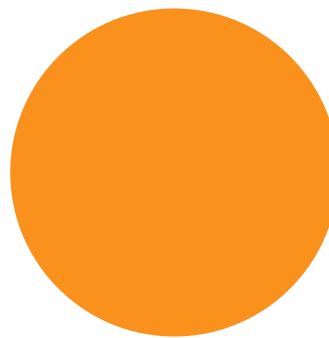
# **10**

Escutar todos, com horizontes para lá das “fronteiras” da Igreja

## **Anexo**

Inquérito: SÍNODO DOS BISPOS 2021-2023

# Introdução



**António Marujo, Eduardo Jorge Madureira,  
Jorge Wemans, José Centeio e Manuel Pinto**

**7Margens** | Janeiro de 2022

O **7MARGENS** inicia com este caderno uma prática que esperamos seja recorrente: reunir de forma autónoma e coerente um conjunto de textos originais sobre um mesmo tema, facilitando, assim, a perceção geral sobre o que sobre um determinado assunto se foi publicando ao longo de vários dias.

Sobre o Sínodo dos Bispos 2021-2023 editámos muitos outros artigos de opinião, editoriais, comentários e notícias (<https://setemargens.com/sinodo-da-igreja-catolica-2021-23/>). Neste dossier decidimos, contudo, cingir-nos apenas àqueles textos diretamente relacionados com os dois inquéritos lançados pelo jornal entre o final do verão e o início do outono de 2021.

O(A) leitor(a) encontra aqui o Editorial em que dávamos conta destas iniciativas, seguido de seis textos resumindo os resultados das respostas apuradas através do inquérito aos leitores, a que se juntam três textos sobre os resultados do inquérito enviado a movimentos e obras católicos de âmbito nacional. Em anexo, no final deste caderno, pode consultar o inquérito enviado aos leitores.

Esperamos que este modo de consulta dos textos publicados permita a sua valorização. Encorajamos o(a) leitor(a) a dar-lhe o melhor uso que entenda, sentindo-se livre para o utilizar, citar, imprimir e livremente difundir como matéria de reflexão e incentivo para a ação no âmbito do Sínodo dos Bispos 2021-2023.

# O 7MARGENS e o sentido e alcance do Sínodo da Igreja Católica

**António Marujo, Eduardo Jorge Madureira,  
Jorge Wemans e Manuel Pinto | 20 Setembro 2021**

“O Vento sopra onde quer” (João 3:8). Apanha-nos desprevenidos. Assim sucedeu quando o Papa João XXIII anunciou a intenção de convocar um Concílio, no Natal de 1961. Assim sucedeu agora, com a convocação do Sínodo dos Bispos de 2023, sobre a sinodalidade, pelo Papa Francisco. Já se conhecia o tema, mas o comum dos mortais, mesmo bispos, terá pensado: “mais um mês de reflexões, com o instrumento de trabalho que orienta para onde as reflexões devem ir”. O primeiro sopro do Vento, que agitou os ares e nos tem desinquietado, foi a pandemia. O Sínodo seria certamente adiado de 2022 para 2023, constou. Mas o Vento continuava a soprar, ainda breve aragem, impercetível, quase. Os mais atentos aguardavam talvez alguma surpresa. E eis que ela apareceu. Em 21 de maio, o cardeal Mario Grech, responsável do Secretariado Geral do Sínodo, anunciava duas coisas importantes: era vontade de Francisco que esta não fosse uma simples assembleia sinodal dos bispos, mas um acontecimento que mexa com toda a Igreja; e que ele começaria já este ano, através da escuta das igrejas locais. Por outras palavras, mais do que um evento à moda tradicional, como se faz desde os tempos de Paulo VI, teríamos um processo sinodal de dois anos, que deverá, desejavelmente, envolver ou, pelo menos, abrir-se à participação de todos os católicos e de todas as pessoas de boa vontade.



Olhando para o que tem sido o pontificado de Francisco, nós podemos fazer tudo menos dizer que isto é uma surpresa. Na verdade, foi nessa linha que ele já orientou os dois últimos sínodos ordinários e a assembleia episcopal sobre a Amazônia. E preparou o que aí vem, alterando significativamente o quadro normativo através da constituição apostólica *Episcopalis Communio*, em 2018.

Para ajudar neste processo, foram publicados já este mês dois textos fundamentais: o *Documento Preparatório* e o manual de procedimentos, o *Vademecum*. Não teria sido má ideia que quem está ainda a acordar para os desafios que são lançados a todos tivesse sido já motivado e incentivado a ler esses documentos: ambos se encontram traduzidos em português.

As igrejas de várias partes do mundo estavam ou colocaram-se já em processo sinodal, como acontece na Alemanha, na América Latina, na Austrália, entre outras. Na maior parte dos casos, como se verifica em Portugal, vai ser necessário um esforço acrescido para não perder o comboio ou não reduzir a participação ao cumprimento de uma agenda de mínimos. →

É preciso reconhecer que o desafio é duro e exigente. Mas as consequências de não o enfrentar com abertura e entrega são bem mais problemáticas. O desafio da escuta requer abertura e criatividade. Não se pode ficar pelos métodos e protagonistas de sempre. Há que clarificar quem e como se vai escutar, como se vai assegurar que essa escuta é feita em completa liberdade e sem *partis pris* ou agendas escondidas. Há, enfim, que dar garantias de que todas as vozes contam e que a escuta tem consequências, que não é um pró-forma, encenação ou faz-de-conta.

É neste enquadramento que o 7MARGENS se posiciona, relativamente ao Sínodo que está aí à porta. Não sendo nem um jornal confessional e muito menos um jornal católico, não poderia deixar de estar atento e interveniente perante um acontecimento que já foi classificado como “talvez o mais audacioso projeto” do pontificado do atual Papa (Massimo Faggioli, teólogo e historiador católico, in *La Croix International*, 7.09.2021).

Sem embargo de outras iniciativas que estão em estudo, o 7MARGENS dará a conhecer nos próximos dias os resultados de uma consulta que fez a mais de 60 movimentos e associações de leigos e leigas da Igreja Católica, procurando contemplar diversos carismas e setores de atividade pastoral. Essa auscultação, que teve lugar no final de julho, incide sobre as expectativas suscitadas pelo Sínodo no que respeita à Igreja Católica em Portugal; o que seria importante fazer para acolher o desafio sinodal; e que características e âmbitos deverá ter a escuta, na etapa diocesana do processo sinodal que a Igreja vai viver.

Ainda esta semana, será lançado um inquérito aos mais de dois mil subscritores da *newsletter* diária deste jornal. São leitores diversos, de trajetórias e experiências diferenciadas, no que diz respeito à pertença à Igreja Católica ou mesmo à crença. Mas terão porventura em comum aquilo que os faz interessar-se pelos conteúdos de um jornal que se centra nas religiões, nas formas de espiritualidade, nas situações das pessoas, comunidades e povos, nas quais se joga a dignidade humana e os direitos humanos, sem esquecer a nossa casa comum.

O inquérito consta de um formulário de possíveis respostas, para facilitar o preenchimento. Contempla uma visão sobre a situação atual da Igreja quanto às três vertentes do Sínodo (comunhão, participação e missão), sobre os obstáculos, exigências e expectativas suscitadas pelo processo sinodal; e, finalmente, a disponibilidade e interesse que esse processo suscita a cada um(a). Prevemos começar a divulgar os resultados por alturas da abertura do Sínodo, prevista para o fim-de-semana de 9-10 de outubro.

O Vento sopra onde quer. Por conseguinte também pode soprar em Portugal e fazer sentir a frescura e energia entre nós, com as pessoas de boa vontade, com os crentes. Mas é suposto que todos assumam a sua parte. Também por isso aqui estamos.

**Apoie o 7MARGENS e desconte  
o seu donativo no IRS ou no IRC  
Agora já pode descontar 130%  
do donativo que entender  
dar ao 7MARGENS!**

O Ministério da Cultura reconheceu o interesse cultural desta iniciativa pelo que o montante do seu apoio pode ser deduzido no IRS (categoria B) e no IRC majorado de 130% [artº 62 – B (Mecenato Cultural) do Estatuto dos Benefícios Fiscais (EBF)].

No caso de pessoa singular sem rendimentos de categoria B, 25% do montante entregue ao 7MARGENS pode ser deduzido à coleta do IRS [artº 63 do EBF].

7MARGENS rege-se pelo seu estatuto editorial e o seu limiar de existência vive na dependência do interesse e da participação dos seus leitores. Por isso, tem em curso uma campanha de recolha de fundos, **propondo que cada pessoa / família / instituição contribua com €100,00 para este projeto através da conta**

**CGD: PT50 0035 0675 0004 6941 7308 1.**

Claro que cada pessoa pode entender cooperar com outro valor.

**A continuidade do 7MARGENS também depende de si.**



# À escuta dos leitores – um inquérito do 7M sobre o Sínodo dos bispos católicos

**António Marujo, Eduardo Jorge Madureira,  
Jorge Wemans e Manuel Pinto | 24 Setembro 2021**

Hoje, a meio da manhã, todos os leitores receberão um inquérito organizado pelo 7MARGENS como forma de auscultação de quem nos tem acompanhado nesta aventura editorial que iniciámos há dias, relacionada com o Sínodo dos Bispos que se inicia no próximo dia 9 de outubro. É a primeira vez que tomamos uma iniciativa deste género. A importância do Sínodo católico justifica-a. O desejo de envolver os leitores na vida do 7MARGENS torna-a urgente. A certeza de que todos aprenderemos com as respostas recebidas é o seu fundamento.

“O Vento sopra onde quer”, lembrávamos no Editorial do dia 20 de setembro. Esperamos que este inquérito seja uma janela aberta para deixar entrar esse Vento que renova todas as coisas. E que muitas outras janelas se abram durante estes 24 meses do trajeto sinodal. Sim, o caminho é longo, pois só termina em finais de 2023, mas a urgência é muita e é preciso dar já os primeiros passos, não ficar à espera que aconteça, mas fazer acontecer.

O exercício e a importância da escuta têm sido sublinhados pelo Papa Francisco como fundamentais para uma comunidade que se entende como tendo uma palavra significativa para anunciar ao mundo. Só na escuta dos anseios do mundo, das suas angústias e das esperanças, a Igreja Católica e todos os cristãos entenderão melhor qual pode ser a sua missão na fidelidade ao Evangelho que dizem transportar.





A resposta está aberta a todos os leitores do 7MARGENS. Não apenas aos católicos. Ouvir todos aqueles com quem os católicos partilham este tempo e que se queiram pronunciar, ajuda a perceber melhor e mais fundo as expectativas com que olham para as comunidades católicas. É também por isso que, “não sendo nem um jornal confessional e muito menos um jornal católico”, o 7MARGENS não poderia deixar de estar atento e interveniente perante um acontecimento que já foi classificado como “talvez o mais audacioso projeto” do pontificado do atual Papa.

Daremos às respostas dos leitores, depois de convenientemente tratadas, o destaque que merecem. Quer no 7MARGENS quer para além dele. Tencionamos, a partir delas, promover encontros em que possamos regressar às temáticas do Sínodo e, assim, fortalecer também a rede que tem suportado esta iniciativa editorial.

Participe! Responda ao inquérito. Ajude a construir um pensamento sobre onde estamos e que caminho queremos seguir. Contribua para vincar e fundamentar as prioridades desse caminho.

**Cardeal Mario Grech  
cumprimenta uma  
das participantes  
na abertura do Sínodo.  
Foto © Vatican Media**

# 1036 vozes que querem ser ouvidas

7Margens | 6 Outubro 2021

O inquérito lançado pelo 7MARGENS aos seus leitores obteve mais de mil respostas, ultrapassando, assim, as nossas melhores expectativas. A partir desta sexta-feira, 8, começaremos a divulgar a análise das 1036 respostas válidas obtidas. Neste momento, cumpre agradecer a todos os que nos leem e que, antecipando-se a qualquer outra consulta no âmbito do Sínodo que o Papa Francisco abrirá no próximo sábado, se manifestaram preparados e interessados em participar nesse longo processo de reflexão e ação que levará as igrejas católicas de todo o mundo até outubro de 2023.

O 7MARGENS desejava com este inquérito abrir uma janela, dar uma oportunidade aos seus leitores para dizerem “sim” ao apelo do Papa para que todos os interessados participem na construção de uma Igreja mais sinodal. Cremos ter atingido esse objetivo. É mesmo provável que pelo modo como lançámos esta consulta, ela tenha possibilitado a participação de outros para além dos leitores habituais. É provável que as respostas recebidas tenham extravasado os assinantes da *newsletter*, pois o endereço de resposta do inquérito poderá ter viajado para outras margens. O que só nos conforta. Aqueles que ontem não seriam nossos leitores passaram a sê-lo.

## Quem respondeu?

Antes de divulgar a análise das respostas obtidas, debrucemo-nos sobre quem são aqueles que colaboraram nesta consulta. São, como sempre quando toca a servir, mais mulheres (60%) do que homens (40%). Uma enorme percentagem (95%) afirma-se católica, 2,70 por cento reconhece-se como “não crente” e, em percentagem quase idêntica, 2,12 por cento confessa-se “crente sem religião”. Entre os católicos que nos fizeram chegar as suas respostas, um pouco mais de 6 por cento são clérigos, enquanto 88 por cento são leigas ou leigos.

Agregando por afinidades socio-religiosas as dioceses do país, os católicos que participaram nesta consulta vivem nos seguintes espaços territoriais: 2,36 por cento no interior Norte e Centro (dioceses de Bragança-Miranda, Vila Real, Lamego e Guarda); 23,28 por cento no litoral Norte (Viana do Castelo, Braga e Porto); um em cada dez (10,97%) no



litoral Centro (Viseu, Aveiro, Coimbra e Leiria-Fátima); 4,51 por cento no Alentejo (Portalegre-Castelo Branco, Évora e Beja); mais de metade (52,82%) habita na Grande Lisboa (Lisboa, Santarém e Setúbal); no Algarve vivem 5,54 por cento dos católicos que nos responderam, enquanto da Diocese do Funchal recebemos apenas 0,51 por cento do total de respostas e nenhuma da Diocese de Angra do Heroísmo. Como é expectável, quase metade (48,21%) dos católicos participantes habitam no Patriarcado e 16,41 por cento na Diocese do Porto.

### Católicos ativos

Questionados sobre a frequência de participação na eucaristia, três quartos dos católicos (75,87%) dizem fazê-lo diária ou semanalmente, menos de um em cada dez (7,43%) apenas uma ou duas vezes por mês, igual percentagem “algumas vezes por ano” e 2,75 por cento fazem-no “raramente, ou nunca”. Por outro lado, os participantes no inquérito fazem parte do grupo de fiéis bastante ativos na Igreja: quase dois terços (65,78%) estão envolvidos em algum movimento ou estrutura confessional, ou desempenham algum tipo de serviço na sua comunidade.

Quanto à distribuição por escalões etários, metade (49,42%) das respostas que nos chegaram vieram de pessoas com idades compreendidas entre os 35 e os 66 anos. O questionário foi respondido por poucos jovens entre os 15 e os 24 anos (6,76%), pouquíssimos (4,34%) jovens adultos entre os 25 e os 34 anos e por um numeroso (27,22%) grupo de pessoas com mais de 67 anos de idade.

**Entre os que participaram na consulta lançada pelo 7MARGENS, 60% são mulheres. Foto © Rawpixel**

# Maioria muito crítica de como a Igreja decide

7Margens | 7 Outubro 2021

Os leitores do 7MARGENS são muito críticos do modo como a Igreja Católica em Portugal é conduzida, toma decisões e se apresenta em público. Mais de metade (54,73%) é de opinião que a forma como a Igreja o faz é um pouco, muito ou totalmente desadequada à sua missão. Regra geral, as respostas à consulta do 7MARGENS indicam que quando se trata de avaliar a situação presente, os leitores têm uma apreciação mais positiva da experiência eclesial pessoal em que estão envolvidos do que do conjunto da Igreja em Portugal.

Esta diferença de avaliação é evidente quando 17,08 por cento discorda muito, ou mesmo totalmente, que se possa caracterizar a Igreja como um espaço de acolhimento aberto a todos, enquanto apenas 11,65 por cento faz a mesma crítica à comunidade cristã concreta a que pertence. E se quase um terço (30,91%) discorda (pouco, muito ou fron-

---

**Fiéis de máscara numa missa numa igreja do Porto. Foto © João Lopes Cardoso/Diocese do Porto**





talmente) das práticas que a sua comunidade adota para facilitar a participação de todos, igual opinião é partilhada por quase metade (46,38%) dos inquiridos quando se trata de avaliar as mesmas práticas na Igreja no seu todo.

As perguntas formuladas no inquérito aos leitores procuravam recolher a sua opinião sobre a comunidade cristã a que cada um se sente mais diretamente envolvido e sobre a Igreja Católica em Portugal a partir de três eixos (acolhimento, participação e governo adaptado à missão) que constituem os três temas centrais do Sínodo dos Bispos que o Papa Francisco abre este sábado dia 9 de outubro: comunhão, participação e missão.

Não há dúvidas, porém, que a questão do poder – condução da comunidade, processo de tomada de decisões e representação pública – é aquela que é mais criticada e menos aceite: há uma maioria que se pronuncia como estando algo, muito ou totalmente em desacordo com o atual estado de coisas a nível da igreja Católica em Portugal e um terço (35,01%) que partilha destas opiniões a propósito do mesmo tema na sua comunidade mais próxima. Igualmente sintomático é o facto de apenas 22,79 por cento dos inquiridos estarem muito ou totalmente de acordo com a caracterização da Igreja Católica como uma comunidade que adota práticas que facilitam a participação de todos. ➔

**A multidão em festa na chegada do Papa Francisco ao estádio em Erbil, no Iraque.**  
Foto © Vatican Media



**Missa na Basílica  
da Santíssima Trindade,  
a 8 de Novembro de 2020,  
em tempo de pandemia.  
Foto © Santuário de Fátima**

## **Homens mais contestatários**

Talvez por estarem mais envolvidas no serviço à Igreja, as mulheres surgem como menos contestatárias dos processos de decisão interna e do exercício do poder no interior da comunidade. Metade delas (49,60%) não concorda com a atual situação, enquanto a posição crítica roça os 60 por cento no que diz respeito aos homens.

Quanto aos grupos etários, os mais críticos são os mais jovens e os mais velhos. Quase 60 por cento dos jovens menores de 25 anos discordam da forma como a sua Igreja é conduzida. Numa percentagem não muito distante (56,70%), os com mais de 66 anos acompanham essa discordância. Entre os jovens adultos (25-34 anos) e os leitores com mais de 35 e menos de 67 anos, a percentagem é praticamente constante e supera em um ponto percentual a metade.

Em termos geográficos, os leitores residentes na Diocese de Leiria-Fátima apresentam-se como os mais desagradados com o modo como a Igreja é conduzida: exatamente 70 por cento não se reconhece nos processos de tomada de decisão existentes. Bem perto dali, em Coimbra, apenas 48,33 por cento são tão contestatários. Em Lisboa esta percentagem volta a subir para metade (49,57%), no Porto fixa-se nos 56,25 por cento e em Braga em 52,54 por cento.



## 1036 respostas

Este artigo foi escrito a partir da análise de 1036 respostas válidas ao questionário enviado aos assinantes do 7MARGENS e recebidas entre 24 de setembro e 4 de outubro de 2021. O questionário esteve também acessível a partir do próprio site do 7MARGENS. As percentagens nele referidas são sempre, a menos que se indique o contrário, calculadas sobre o total de respostas após a exclusão da resposta “não se aplica” que estava presente em todas as perguntas aqui objeto de tratamento. Aos inquiridos era proposto manifestarem a sua opinião sobre diversas questões, usando para cada uma delas – como se tornou clássico neste tipo de inquéritos – uma escala de seis níveis, variando entre “discordo totalmente” e “concordo totalmente”. Para simplificar a leitura desta primeira análise, pareceu-nos útil apresentar agrupados os resultados dos dois primeiros itens (grande ou total discordância) e os dos dois últimos (grande ou total concordância). Por vezes, agrupámos toda a discordância (itens de 1 a 3) e toda a concordância (itens de 4 a 6). A estrutura etária e de género, a distribuição espacial, a relação com a religião e os indicadores da participação na celebração da eucaríctica e em movimentos, ou estruturas eclesiais, foram objeto de [análise em artigo publicado nesta quarta-feira no 7MARGENS](#).

**Leitores não acreditam que possa haver mudanças, mas estão disponíveis para participar no processo sinodal.**

Foto © Antenna | Unsplash

# Católicos portugueses muito céticos sobre impacte do Sínodo na Igreja em Portugal

Jorge Wemans | 11 Outubro 2021

**Uma larga maioria** superior a dois terços (69,82%) dos leitores do 7MARGENS pensa que o caminho que levará ao Sínodo dos Bispos em 2023 não vai modificar de forma radical a Igreja em Portugal. Este ceticismo é tão mais surpreendente quanto, em cada cinco respostas, quatro (81,08%) exprimem interesse quer pela convocação quer pelo modelo em que vai decorrer o Sínodo e a mesma percentagem (81,46%) se afirme disponível para participar no debate e na formulação de respostas aos seus documentos preparatórios.

Mais céticos ainda se mostram os clérigos sobre o impacte da iniciativa do Papa Francisco na Igreja em Portugal: 85,45 por cento descrê que alguma mudança advinha daí, ainda que igual percentagem concorde com a convocação e o processo sinodal desenhado e 88,14 por cento se afirme disponível para nele intervir. Bem revelador da descrença existente entre o clero na renovação é o facto de um cada dez (11,86%) não manifestar sequer disponibilidade para participar no processo preparatório do Sínodo da Igreja Católica 2021-2023.

A diferença de expectativas é também significativa segundo o género, existindo uma disparidade superior a 10 pontos percentuais entre os homens e as mulheres que responderam ao inquérito lançado pelo jornal. Aqueles são mais incrédulos do que estas quanto ao impacte que o Sínodo venha a ter na mudança da Igreja em Portugal: enquanto 61 por cento das respostas femininas vão no sentido de que nada de relevante acontecerá, as respostas masculinas que partilham desta opinião atingem os 72,64 por cento.

## **Sinodalidade em causa**

Maior discrepância existe ainda entre grupos etários. Mais de 12 pontos percentuais separa a descrença dos que têm menos de 25 anos daqueles que já passaram dos 67





anos. Definitivamente, os mais jovens não vêm quaisquer perspectivas de mudança decorrentes do Sínodo. São 84,29 por cento na faixa etária até aos 24 e 84,44 por cento entre os jovens adultos (25-34 anos). Depois, a percentagem de incrédulos na renovação começa a descer até atingir o valor mínimo (68,09%) nos que têm mais de 67 anos. Mas, mesmo neste grupo etário mais velho, mais de dois em cada três não esperam mudanças radicais na Igreja em Portugal durante e após o Sínodo que terminará no final de 2023. Com tanta certeza de que nada mudará, parece difícil concretizar com sucesso em Portugal a inédita dinâmica proposta para este sínodo: durante dois anos, o Papa quer colocar toda a Igreja Católica a refletir e debater a sinodalidade – ou seja, como se dá a participação de todos os batizados na vida e nos processos de decisão da comunidade crente em que estão inseridos.

Os resultados da consulta organizada pelo 7MARGENS apontam, para além do ceticismo aqui evidenciado, para o facto de quase metade dos inquiridos (46,38%) discordar (pouco, muito ou frontalmente) das práticas que a sua Igreja Católica em Portugal adota para facilitar a participação de todos (ver [7MARGENS](#)).

A falta de confiança nos mecanismos de auscultação e participação aliada à pouca ou nenhuma esperança de que no final do processo algo mude, constitui, sem dúvida, um enorme desafio para os católicos que, tal como o Papa Francisco, sentem a necessidade de renovação da sua Igreja. →

**José Ornelas (2º da esqª),  
bispo de Setúbal  
e presidente da  
Conferência Episcopal  
Portuguesa, na abertura  
da 200ª assembleia da CEP,  
12 Abril 2021, em Fátima.  
Foto © Ecclesia.**

## Leigos e clérigos: obstáculos à mudança

A *reduzida formação teológico-pastoral dos leigos* e o *excessivo protagonismo do clero* são os dois principais obstáculos que impedem a Igreja Católica em Portugal de viver em constante processo sinodal. No entendimento dos leitores do 7MARGENS, essas barreiras à mudança desejada pelo Papa Francisco não têm, porém, o mesmo peso. A pouca formação dos leigos surge muito destacada, sendo referida em 42,66 por cento das respostas, enquanto o protagonismo excessivo do clero é apontado como principal obstáculo por 38 por cento dos leitores.

Os clérigos são, contudo, mais conscientes do excessivo protagonismo que eles e os seus pares detêm e não têm dúvidas quanto ao bloqueio à mudança que esse excesso representa. Dão-lhe exatamente a mesma importância do que à reduzida formação teológico-pastoral dos leigos: 41,67 por cento das suas respostas referem um ou o outro e uma resposta em cada dez menciona ambos.

A pergunta sobre os *principais obstáculos que impedem a Igreja Católica em Portugal de viver em constante processo sinodal* permitia aos leitores escolherem dois de seis itens: *Reduzida formação teológico-pastoral dos leigos*; *Vivência infantilizada da fé por parte dos leigos*; *Pouco interesse dos leigos em assumirem responsabilidades*; *Entendimento errado do exercício da autoridade na Igreja*; *Excessivo protagonismo do clero*; e *Incapacidade de as comunidades entenderem os problemas e os desafios do mundo atual*. Para efeitos de apuramento contabilizámos as vezes que cada um destes itens surge nas respostas dos leitores, isto é, sempre que surge como um dos dois termos da resposta.

De entre eles, clérigos e leigos estão de acordo em classificar a *vivência infantilizada da fé por parte dos leigos* como o terceiro obstáculo à vida sinodal da Igreja, e o *entendimento errado do exercício da autoridade na Igreja* como quinto impedimento. Mas, se os clérigos dão pouco relevo ao *pouco interesse dos leigos em assumirem responsabilidades*, só o referindo num quinto das respostas e colocando-o na última posição, já no conjunto dos inquiridos esse obstáculo surge em quarto lugar, sendo referido em 32 por cento das respostas. Finalmente, a *incapacidade de as comunidades católicas entenderem os problemas e os desafios do mundo atual* é, para os clérigos, um obstáculo bem mais importante (referido em 35 por cento das respostas) do que para o geral dos leitores do 7MARGENS que a escolhe apenas em 23,84 por cento das respostas.

Os leitores foram ainda chamados a aplicar a mesma chave de leitura aos obstáculos que impedem a comunidade católica a que estão mais diretamente ligados de viver em ambiente sinodal. E a ordenação dos principais obstáculos surge bem diferente do que quando o que está em causa é a Igreja Católica em termos gerais. Desta forma, o *pouco interesse dos leigos em assumirem responsabilidades* (43,92%) e a *reduzida for-*



*mação teológico-pastoral dos leigos (42,37%)* são apontadas quase *ex-aequo* como os dois principais obstáculos à renovação da comunidade próxima, muito distantes de quaisquer outros que apenas são referidos em uma de cada quatro respostas. A exceção é a *incapacidade de as comunidades católicas entenderem os problemas e os desafios do mundo atual* que recolhe 31,66 por cento das escolhas enquanto obstáculo à vida sinodal da comunidade de proximidade.

**Momento de oração de jovens com o Papa, na cerimónia de início do processo sinodal, em outubro 2021.**

**Foto © Vatican Media**

## O inquérito do 7MARGENS

Este artigo foi escrito a partir da análise de 1036 respostas válidas ao questionário enviado aos assinantes do 7MARGENS e recebidas entre 24 de setembro e 4 de outubro de 2021. O questionário esteve também acessível a partir do próprio *site* do 7MARGENS. As percentagens aqui referidas relativas a respostas na gradação “discordo totalmente” até “concordo totalmente” foram calculadas sobre o total excluído da escolha “não se aplica” existente em todas as perguntas. Na maior parte da análise destas respostas agrupámos toda a discordância (itens de 1 a 3) e toda a concordância (itens de 4 a 6).

Na análise das respostas às perguntas em que era exigida a escolha de dois itens relevámos a presença de um desses itens em qualquer resposta, dado que nesses pares nenhuma hierarquia era proposta.

A estrutura etária e de género, a distribuição espacial, a relação com a religião e os indicadores da participação na celebração da eucaristia e em movimentos ou estruturas eclesiais, foram objeto de análise em artigo antes publicado no [7MARGENS](#). Num outro texto, demos conta das respostas sobre os [processos de decisão na Igreja](#).

# Forte apelo à “desclericalização” da Igreja Católica

# 6

7Margens | 13 Outubro 2021

A “desclericalização” da Igreja Católica; aposta na escuta de todas as pessoas de boa vontade, sem exceção; a urgência de uma atitude de acolhimento de todos, em especial os que andam pelas margens; o debate e assunção de um maior protagonismo do papel das mulheres; e a aposta estratégica na formação dos presbíteros, dos leigos e, em particular dos catequistas – eis as quatro recomendações mais salientadas pelos 1036 respondentes ao inquérito sobre o Sínodo da Igreja Católica, cujos resultados o 7MARGENS tem vindo a apresentar nos últimos dias.

As respostas à única pergunta aberta da consulta aos leitores deste jornal são de uma diversidade e riqueza dignas de atenção, não lhes faltando, em vários pontos, propostas concretas que iremos apresentar.

Antes disso, importa referir que perto o número de pessoas que aceitou escrever algum contributo, desde mensagens quase telegráficas até respostas com alguma elaboração, aproximou-se das 950, o que é merecedor do empenho de participação na conversa pública sobre o Sínodo. Entre as perto de oito dezenas de casos de ausência de resposta, uma parte significativa assumiu que não sabia ou entendia não ter condições para responder. Alguns anotaram que não entendiam o que se pedia, ao solicitar recomendações.

Recorde-se que a pergunta pedia para que o respondente dissesse que recomendação faria ao Sínodo, se porventura o Papa Francisco ou o Bispo local lhe pedissem uma contribuição para integrar nas recomendações ao Sínodo, sendo dada uma extensão de resposta até 500 caracteres.

## Falta de informação nas paróquias

Uma boa dezena de leitores entendeu questionar ou fazer sugestões em torno do próprio Sínodo, queixando-se de falta de informação nas paróquias. Outros apelam aos párocos que “expliquem bem, em linguagem aberta, o que é um sínodo, incluindo nas homilias”



e “que tarefas é que ele exige” (“fui às Paulinas, dizia alguém, e disseram-se que não receberam nada sobre o assunto”). Um outro pedia que do processo sinodal “não discuta a doutrina da Igreja”. Finalmente, houve quem pedisse que os padres prestem mais atenção ao que pede o Papa e o divulguem e uma última que, no processo “se escute com a mesma atenção os mais preparados intelectualmente e os simples, de modo a ser mais inclusivo”.

A grande maioria das respostas, no entanto, olham para aquilo que a Igreja precisa de inscrever na sua agenda sinodal, projetando o futuro. Ficaremos hoje por algumas notas gerais, indo, depois, a áreas mais específicas, tendo, no entanto, consciência da dificuldade de tocar todas as preocupações dos respondentes.

Assim, os pontos mais salientados e reiterados podem sintetizar-se nos seguintes:

- Um forte apelo à “desclericalização” da Igreja: frequentemente o poder e peso do clero – bispos e padres – são apontados como excessivos; que se traduzem numa separação indesejável entre os dois lados; que esta situação nega a sinodalidade das comunidades dos primeiros três séculos. Entre as propostas surge a escolha mais democrática – ou, pelo menos, transparente – das lideranças, nomeadamente na escolha dos bispos ; reforço do papel e poder dos leigos e das comunidades locais. →

**Papa Francisco com os participantes no Momento de Reflexão que deu início ao Sínodo dos Bispos sobre a Sinodalidade.**  
**Foto ©Vatican Media**



**Fiéis numa missa numa igreja do Porto.**

**Foto © João Lopes**

**Cardoso/Diocese do Porto**

– Desejo de regresso à figura das pequenas comunidades, eventualmente inspiradas nos movimentos de comunidades de base que frutificaram em várias partes do planeta. Isto para que se criem condições de uma vivência mais intensa e consciente da fé cristã. Nesta linha, as paróquias irão carecer de uma revisão profunda, assumindo na sua vida normal uma lógica sinodal, participada, assente na escuta. Os presbíteros assumirão o seu papel de pastores, de proximidade com as pessoas e os grupos, deixando tarefas de orientação e gestão das paróquias a grupos de leigos eleitos por toda a comunidade.

– O acolhimento e a escuta de todos deve ser a marca distintiva não apenas do Sínodo prestes a começar, mas da vida destas igrejas locais e também da orientação das dioceses. Acolher e fazer-se próxima de todos os que buscam e que andam à procura do seu caminho e para quem a Igreja se reveste de significado, em particular os mais pobres, os divorciados, recasados ou não, LGBTI, etc. A escuta deve ser incondicional, sem atitudes de julgamento ou condenação.

– O papel da mulher na vida da Igreja e nos ministérios, a todos os níveis, deve ser objeto de estudo e tomadas medidas que promovam a igualdade. As situações de discriminação devem ser analisadas e adotados caminhos de superação.

## **Destaque para a aposta na formação do clero e dos leigos**

Relativamente à formação, que surge nas respostas como uma das preocupações maiores, ela é apontada como estratégica relativamente ao clero e aos leigos e comunidades cristãs. A formação dos seminários deve merecer aos responsáveis eclesiais “o máximo cuidado” e orientar-se no sentido de uma igreja sinodal, de proximidade e de escuta. Alguém referia que “os padres novos parece que são mais antigos que os padres mais



velhos”. Devem poder dispor de uma formação de qualidade não apenas teológica e pastoral, mas também nos planos “cívico, cultural e social”.

A formação é também requerida para os leigos, para dar mais consistência à vida eclesial, habilitando-os a assumir novas responsabilidades. Também eles precisam de desenvolver e aprofundar as exigências de uma igreja sinodal, até para se não tornarem, no interior da igreja, não ou mais clericalistas do que os clérigos. A formação bíblica surge referida por um significativo número de leitores, em sintonia com o sonho de uma Igreja mais próxima das exigências evangélicas.

Ainda neste capítulo da formação, os e as catequistas assumem um papel crucial. Sendo apontada a urgência de repensar a catequese, como muitos propõem, num sentido de menos transmissão formal de conteúdos e de aposta vias mais criativas e participativas, a formação de catequistas revela-se uma aposta que haverá que fazer.

Se é verdade que a grande maioria das respostas apontou no sentido de uma igreja mais “samaritana” e “franciscana”, menos ritualista e mais próxima e aberta às pessoas, também houve quem tivesse propostas que exprimem preocupações de outra natureza. Assim, houve quem advertisse, como se referiu atrás, para o risco de, ao lançar o processo sinodal, se vir a “discutir a doutrina da Igreja”; quem alertasse para o “excesso de tolerância e pouca exigência” que a Igreja tem demonstrado e que tem levado ao “abandono dos mais jovens”, logo na adolescência. Uma resposta demarcava-se de orientações que poderiam levar a “transformar o Vaticano numa ONG”.

**Papa Francisco em oração  
no Momento de Reflexão  
que deu início ao Sínodo  
dos Bispos sobre  
a Sinodalidade.**

**Foto ©Vatican Media**

# Mais qualidade das celebrações e homilias, e celibato facultativo

Manuel Pinto | 13 Outubro 2021

**Encerramos** com este texto a série de trabalhos feitos a partir do inquérito realizado pelo 7MARGENS sobre o Sínodo da Igreja Católica, que abre no próximo domingo, ao nível de cada diocese. Nesta edição, discriminamos uma listagem de sugestões, aspirações e propostas apresentadas na única pergunta aberta por perto de 950 dos 1036 leitores que responderam ao inquérito.

Organizamos as recomendações a incluir na agenda sinodal em três vertentes: contributos sobre a Igreja, tomada globalmente; contributos sobre a liturgia, em particular a missa; e contributos sobre comunidades e estruturas paroquiais. Dada a natureza sintética das respostas, agrupámos os tópicos de cada apartado sob a forma de listagem.

---

Foto © Gabriella Clare  
Marino-Unsplash







ser uma Igreja que “vive apenas de sacramentos”.

- Dar atenção ao encontro e diálogo ecumênicos, também nas igrejas locais.
- Não esquecer os meios rurais, no que diz respeito à evangelização.
- Maior conhecimento das congregações religiosas e associações socio-caritativas da diocese e desenvolvimento de projetos em parceria e em rede.
- Atenção privilegiada aos pobres e às desigualdades, “colocando-se no lugar de quem se sente marginalizado”.
- Revisão do papel das mulheres na Igreja, nomeadamente reflexão sobre o “sacerdócio feminino”.
- Remodelação total da formação nos seminários.
- Aproveitar os recursos criados com a pandemia para fazer formação que combine o presencial com o online, conseguindo formadores mais credenciados.
- “Refrescar” a imagem da Igreja e, em particular, “fazer campanhas com qualidade dando a conhecer o extraordinário trabalho social que a Igreja desenvolve”.
- Durante o Sínodo (e porque não depois?), abrir um site para recolha de contributos, que permita a participação mesmo à distância.

## Liturgia

- Cuidar da qualidade das transmissões da eucaristia e do terço, incluindo as de Fátima, centrando-as mais na pessoa de Jesus, já que são “muito tristonhas e formais, não envolvendo muito os telespetadores – onde está a ‘alegria do Evangelho?’”.
- Melhorar a qualidade das celebrações, quanto à interatividade, à participação ativa das pessoas; sempre que possível, com grupos, em que se possa fazer homilia partilhada.
- As homilias devem ligar as leituras à vida das pessoas e introduzir nelas “a atualidade do mundo”, para as tornar mais interpelativas.
- “A Igreja deve adaptar-se aos tempos atuais no vocabulário e modo de celebrar e comunicar a fé, repensando “formas arcaicas, não entendíveis pelos participantes”.
- Modernizar as músicas, pensando sobretudo nos jovens, e ter atenção especial à formação dos leitores e à acústica dos templos.

## Comunidades e estruturas paroquiais

- Rever a situação atual de “tudo centrado no clero”; definir “áreas de gestão das coisas da Igreja [a serem] entregues aos leigos”, mas vendo que eles não se tornem como os padres e evitando “o funcionalismo burocrático”.
- Reformar o conceito de paróquia e de pároco, no sentido de sublinhar o lado pastoral e reduzir a componente administrativa que pode ficar entregue a leigos preparados para tal.
- Instituir assembleias paroquiais anuais, que emanem de comunidades intra-paroquiais. Se for necessário, que se reveja o Código de Direito Canónico.
- É importante que os espaços das igrejas sejam multifuncionais e, sempre que possível, abertos à vida social e cultural da comunidade local. É bom que haja espaços abertos a todos.



- Criar a prática de grupos de leigos e padres estagiarem em outras comunidades, especialmente aquelas em zonas mais deprimidas e periféricas, vivendo nas mesmas condições dos que são visitados.
- Deve-se ter uma particular atenção à pastoral socio-caritativa nas comunidades cristãs.
- Instituir modalidades concretas que assegurem maior diálogo e democraticidade no interior da Igreja.
- Mais atenção aos jovens, ouvindo-os com frequência. Muitos praticam meditação fora da Igreja; porque não promover a meditação como forma de oração?
- Formação de leigos e do clero em liderança de comunidades.
- Cuidar da família como espaço de vivência cristã.
- Sessões ou aulas sobre história da Igreja e de outras religiões.
- Sobre os presbíteros: o celibato obrigatório deveria acabar, começando por uma reflexão sobre o assunto. Eles deveriam constituir equipas por região, com um moderador, concretizando formas de proximidade e acolhimento das pessoas, vivendo uma vida simples, sem pompas nem ostentações, rompendo com o carreirismo eclesiástico.
- Política de “completa intolerância com a pedofilia”, com compromisso de denúncia e não encobrimento de casos.
- Ter em conta que os abusos não se resumem à pedofilia: “há abusos de poder aos diversos níveis; e quando são denunciados, quem pode não faz nada.

**Papa na homilia da missa de abertura do Sínodo sobre a sinodalidade.**  
**Foto © Vatican Media**

*A equipa do 7MARGENS agradece a todos os leitores que se dispuseram a preencher o questionário e a enviá-lo. É nossa intenção reunir os materiais publicados com os resultados e fazê-los chegar aos responsáveis pela recolha de contributos para o Sínodo, para que possam integrar as participações desta fase de escuta diocesana e nacional.*

# Das “baixas expectativas” à “oportunidade de uma Igreja aberta”

Manuel Pinto | 21 Setembro 2021

**Um dos desafios** a que o próximo Sínodo da Igreja Católica quer meter ombros é o de colocar pessoas, comunidades e estruturas em escuta. Como explicava há dias o Papa Francisco, não se trata apenas de uma tarefa, mas de uma atitude a cultivar, um modo de ser Igreja. Que pode assumir várias formas.

O 7MARGENS entendeu auscultar um conjunto de 63 movimentos e associações católicas, procurando contemplar diversidade de carismas e de setores e mesmo de atitudes perante o futuro. A auscultação decorreu na segunda metade de julho, num momento em que já se conhecia o cronograma e dinâmica do Sínodo. Enviámos três perguntas abertas:

- 1. Que expectativas lhe suscita este desafio sinodal no que respeita à Igreja Católica em Portugal?*
- 2. Para que a Igreja Católica em Portugal acolha este desafio como uma oportunidade de renovação (pessoal, comunitária e de modos de funcionar) norteadada pela Boa Nova de Jesus, que devem fazer os leigos? E que recomendações faria aos bispos portugueses?*
- 3. Que características e âmbito entende dever ter a escuta que as igrejas diocesanas são chamadas a realizar, até à primavera de 2022?*

O primeiro dado a sublinhar é a percentagem muito reduzida de respostas. Dos 63 movimentos convidados, responderam nove, mesmo depois de insistências por telefone – pouco mais de 14 por cento. É difícil encontrar explicações para o silêncio de tantos grupos: um período em que alguns dirigentes já se encontravam de férias? O tema que não suscitou suficiente interesse? Haverá, por outro lado, algum significado no tipo de instituições que responderam? E poderá a fraca participação indiciar, de alguma forma,



expectativas reduzidas para o Sínodo cuja abertura se aproxima e que culminará com a assembleia episcopal de 2023?...

### Como vamos de expectativas?

A primeira questão incidia precisamente sobre as expectativas do desafio sinodal, tendo como referência a Igreja em Portugal. Para a organização católica O Ninho, que desenvolve na cidade de Lisboa o seu trabalho de estudo do fenómeno da prostituição e de acolhimento e inserção de pessoas prostituídas, as expectativas “não são muito altas”. Esclarece a sua visão observando que “a participação plena na vida da Igreja, por parte de todas e todos, sem aceção de ninguém, tem vindo a enfraquecer”.

O Ninho reconhece que novas associações e movimentos têm surgido, mas orientados, em alguns casos, por posicionamentos integristas e de secretismo. Refere como dificuldades “a preponderância do clero na condução da vida da Igreja” e uma “participação laical (...) mais centrada no ritualismo”, excetuando uma “elite de leigos” que, no entanto, “são, normalmente, submissos ao poder dos clérigos” Em suma, para O Ninho, “em Portugal, ainda há um longo caminho a percorrer para se entrar no dinamismo de uma Igreja sinodal”

As Oficinas de Oração e Vida (TOV, da sigla em espanhol)), com comunidades de oração presentes em 16 das dioceses do país, esperam que o Sínodo seja “uma oportunidade para, efetivamente, fazermos itinerário em comunidade – realçando a dimensão

**Os bispos reunirão a partir das reflexões e contributos dos movimentos e leigos, que deverão produzir uma síntese em cada diocese.**

**Foto © USCCB**

colegial da Igreja, cuja base é a participação ativa de cada batizado na missão sacerdotal e profética de Jesus Cristo, segundo a sua vocação”. Para isso haverá que “valorizar a co-responsabilidade e o diálogo entre os diferentes intervenientes”.

“Temos uma grande expectativa”, anotam por sua vez as Fraternidades Leigas Dominicanas, o ramo laical da Ordem dos Pregadores. Justificam de forma clara o motivo, deixando também, nos subentendidos, questões muito interessantes: “O desafio de sermos leigos pregadores nem sempre é fácil... quer pela questão da nossa formação teológica quer pelo lugar que nos é (ou não) dado”.

No caso da Ação Católica para os Meios Independentes (ACI), resume-se a abertura à iniciativa do Papa desta forma: “Sonhamos com uma Igreja aberta a todos, que siga o seu pastor, que seja cada vez mais e melhor um caminho de integração e de exemplo de vida coerente, generosa e cheia de alegria e de Vida! Temos de ser o verdadeiro ‘sal da Terra’ e a ‘luz do mundo’!!!.”

No caso das Equipas de Jovens de Nossa Senhora, o maior desafio que enfrenta a dinâmica sinodal parece ser “a falta de comunicação entre os diversos grupos e movimentos católicos de Portugal”. Para este movimento, presente em 11 dioceses e integrando à roda de 3000 jovens e casais em pequenos grupos-comunidades, uma igreja sinodal de comunhão e participação requer “oportunidades de escuta entre os responsáveis dos diversos grupos”, com a presença dos bispos para “nos orientar a favor das necessidades da Igreja”.

A Cáritas, organização sociocaritativa voltada para o desenvolvimento humano integral e a defesa do bem-comum, que cobre praticamente todo o território nacional, vê o Sínodo, “vivido em ‘pós’ pandemia”, “com muita expectativa”, na linha do caminho que, “desde sempre, o Papa Francisco propôs de “relação direta, frontal e de abertura ao mundo”. Preocupada com a transformação da sociedade, a Cáritas acredita que a Igreja “terá a ganhar quanto maior for a sua relação de proximidade com as comunidades locais”, em particular as mais vulneráveis.

Finalmente, a Obra Católica Portuguesa de Migrações, departamento da Conferência Episcopal, com presença em 17 dioceses, tem face ao processo sinodal a expectativa de que “sejamos capazes de crescer no diálogo e na construção de pontes”, “de ser internamente fraternos e conjugar esforços”, “conhecer melhor e valorizar os diferentes ministérios e carismas” e “não ter medo de mudar e inovar sem perder a memória, valores e princípios que nos edificam”.

***Texto com os contributos de António Marujo,  
Eduardo Jorge Madureira e Jorge Wemans***

## Apresentação

**7MARGENS** é um jornal digital orientado por critérios jornalísticos profissionais e independente de qualquer instituição, religiosa ou outra. Divulga informação sobre o fenómeno religioso, no sentido mais amplo do termo, não se confinando à atualidade das diversas confissões e crenças estabelecidas. Procura dar conta das diferentes formas de busca espiritual que marcam o nosso tempo, desvendando as questões, interrogações e percursos que alimentam essa indagação. Tem consciência de que a informação sobre o fenómeno religioso assim entendido constitui um importante instrumento a favor da paz, da justiça social, do conhecimento mútuo, da tolerância e da cooperação entre os mais diversos atores das nossas sociedades.

**7MARGENS** é propriedade de uma Associação Cultural Sem Fins Lucrativos, a Porta 18, e aspira a ser financiado exclusivamente pelos seus leitores / apoiantes, mas recorre também a donativos institucionais que publicita regularmente de modo a assegurar total transparência com aqueles que o visitam. O jornal digital tem como referências mais próximas o trabalho de três décadas desenvolvido pelo seu diretor, António Marujo, e a informação oferecida desde 2002 pelo blog Religionline, um dos primeiros em Portugal, iniciado por Manuel Pinto.



# Católicos portugueses querem bispos próximos, ao estilo do Papa Francisco

Manuel Pinto | 21 Setembro 2021

**Católicos leigos** mais formados, capazes de intervir na sociedade, e bispos próximos e capazes de acolher todos e de mudar estruturas quando necessários. Algumas das ideias que surgem das respostas de nove movimentos católicos à segunda pergunta do inquérito do 7MARGENS sobre o próximo Sínodo da Igreja Católica.

A assembleia sinodal que o Papa Francisco convocou e terá o seu culminar em outubro de 2023, com a reunião dos bispos, será aberta formalmente em Roma no próximo dia 10 de outubro e em cada diocese a 17. A propósito, elaborámos um questionário com três perguntas, que foi enviado a 63 estruturas e movimentos católicos, do qual resultaram nove respostas, [conforme foi explicado num texto anterior](#).

Recordamos a segunda pergunta que foi colocada aos diferentes movimentos contactados pelo 7MARGENS e dos quais que recebemos nove respostas:

*Para que a Igreja Católica em Portugal acolha o desafio do Sínodo como uma oportunidade de renovação (pessoal, comunitária e de modos de funcionar) norteadas pela Boa Nova de Jesus:*

- a) que devem fazer os leigos?*
- b) que recomendações faria aos Bispos?*





As Fraternidades Leigas Dominicanas entendem que os leigos devem “dar um passo à frente em termos de formação teológica e de iniciativa”.

“Os leigos devem (...) estar ativos no serviço à Igreja”, atentos às necessidades dela, respondem as Equipas de Casais de Nossa Senhora.

Por sua vez, para as Oficinas de Oração e Vida (TOV, da sigla em espanhol), os leigos “devem, em espírito de humildade e autocrítica, começar por interrograr-se se são fiéis ao Evangelho no seu apostolado”. E resumem o enunciado de várias atitudes e disposições com aquela que é a frase-chave da espiritualidade das TOV: “O que faria Jesus no meu lugar?”. “Se, em cada situação, os leigos fizerem esta pergunta, a sua ação será certamente fecunda”, concluem.

A resposta de O Ninho, instituição de apoio e promoção de vítimas da prostituição, concretiza: “Antes de mais, deveriam regressar à intervenção eclesial os católicos que foram marginalizados ou desanimaram por sentirem a Igreja distanciar-se das realidades contemporâneas.” Leigos mais comprometidos a reunirem em pequenos grupos, seguin-

**A assembleia sinodal que o Papa Francisco convocou e terá o seu culminar em outubro de 2023, com a reunião dos bispos, abriu formalmente em Roma no dia 10 de outubro de 2021.  
Foto: Direitos reservados**

do o método da Ação Católica (Ver-Julgar-Agir); criar maiores exigências formativas e de ação aos candidatos ao sacramento do Crisma com menos de 18 anos são outras das ideias enunciadas pelos diferentes movimentos.

Em ordem ao próximo Sínodo, O Ninho propõe que se organizem assembleia trimestrais nas paróquias, semestrais em cada diocese (“para o acolhimento das propostas paroquiais”) e um nacional por ano (“para se conhecerem as propostas diocesanas”). A instituição acha que nem todos os que vão à missa participariam, “mas uma pequena parte haveria de responder positivamente”.

Para a Ação Católica dos Meios Independentes (ACI), os leigos devem “assumir uma participação ativa e representativa no seio das suas paróquias e movimentos, porque são eles o espelho da Igreja junto da sociedade em que vivemos”. Deveriam ser “apontados como os que lutam pela justiça, pela paz e pelo bem comum”, já que, pelo seu “estilo de vida e prática religiosa”, demonstram aos demais “a alegria de se sentirem amados e enviados a defender os mais desfavorecidos desta vida”.

Por fim, a Obra Católica Portuguesa de Migrações (OCPM) gostaria que os leigos investissem tempo pessoal na formação (“para conhecer melhor os documentos da Igreja e a sua história”) e na oração. Eles deveriam “conciliar a vocação com a profissão, envolver mais as periferias, ser ponte entre o terreno e a hierarquia da Igreja”.

## **Recomendações dos leigos aos seus bispos**

No capítulo das recomendações aos bispos, as Equipas de Nossa Senhora gostariam de os ver mais presentes nas atividades dos jovens, para “lhes exporem as preocupações da Igreja e incentivá-los a ajudar com quanto lhes for possível”. Para a pastoral de migrações importa que os bispos aprendam a “valorizar e interligar os diferentes sectores e carismas da pastoral da Igreja”, em ordem a “uma Igreja de comunhão, apesar da nossa diversidade”.

As Oficinas de Oração citam de novo Ignacio Larrañaga, seu fundador, com indicações que podem aplicar-se ao tipo de bispos que desejam ter:

- “Da verticalidade à horizontalidade; não absolutista, mas fraternal; não piramidal, mas transversal”;
- “Viver com a mente aberta e alerta; (...) alterar certas estruturas, sempre e quando seja necessário; assim como (...) conservá-las se demonstram validade”.
- Conceder “autonomia às estruturas locais”; governar “com respeito, paciência e benignidade, mas tudo conjugado com firmeza e resolução”.

As Fraternidades Dominicanas desejam que os bispos estejam próximos das comunidades locais, que as conheçam bem, de modo a poderem identificar as que “estão



fora ou nas fronteiras” e a “perceberem onde estão os excluídos”. Juntam ainda uma recomendação: preocupem-se com a formação permanente dos seus estudantes, diáconos e presbíteros.

A proximidade e a disponibilidade “para acolher todos” é também vincada pelo O Ninho. Porém, esta instituição não se fica por princípios. Quer que os bispos deixem de ser príncipes, para se assumirem como “irmãos na fé”; estejam “nos lugares onde há gente vítima de exclusão social, incluindo as instituições que a acolhem”; não promovam a “cultura de castas”, mas demonstrem “iguais preocupações pela vida do clero e dos leigos”; criem tempos “para que não crentes possam refletir com os crentes temas de interesse comum”, como foi o “Pátio dos Gentios”; pedem que não esqueçam que o “bom pastor” deixou as 99 ovelhas e saiu à procura de uma que andava perdida; e que deem mais atenção às “esperanças e angústias” das mulheres vítimas da prostituição.

O Ninho aspira, em suma, de entre várias outras preocupações, a que os bispos católicos deem “sinais evidentes, com gestos proféticos na linha do testemunho do Papa Francisco, que estão, verdadeiramente, de acordo com as suas orientações pastorais”.

***Texto com os contributos de António Marujo, Eduardo Jorge Madureira e Jorge Wemans***

**Caminho Sinodal  
da Alemanha - Cruz  
do Sínodo na sessão  
de abertura, na catedral  
de Frankfurt,  
em 30 Janeiro 2020.  
Foto - Direitos reservados**

# Escutar todos, com horizontes para lá das “fronteiras” da Igreja

10

Manuel Pinto | 23 Setembro 2021

O Papa observava, no encontro sinodal com a sua diocese de Roma, no último sábado, 18, que escutar não é inquirir nem recolher opiniões. Mas nada impede que se consultem os cristãos sobre as “caraterísticas e âmbito” que “entendem dever ter a escuta que as igrejas diocesanas são chamadas a realizar, desde 17 de outubro próximo até ao fim de março-abril de 2022. Era esse o terceiro ponto da [consulta feita pelo 7MARGENS](#), cujas respostas damos hoje a conhecer, na sequência dos [dois textos anteriores](#).

A Obra Católica de Migrações considera que a escuta “deve ultrapassar os movimentos e os grupos”, para assegurar que “chega a toda a comunidade”. E, nesta linha faz a sugestão de se “escutar as pessoas que servimos, reaprendendo a escutar sem julgar”. Ou seja, neste caso, escutar as pessoas, famílias e comunidades migrantes.

Vai na mesma direção a resposta das Fraternidades Leigas Dominicanas, ao propor uma “escuta atenta e inclusiva, mesmo que não seja a mais agradável de escutar, já que “comunhão e participação nem sempre são palavras fáceis de pôr em prática”.

“Parece-nos – dizem-nos, por sua vez, as Oficinas de Oração e Vida – que a escuta que as igrejas diocesanas devem fazer tem de assentar na escuta de todos os fiéis, num atitude de abertura, partilha e diálogo”. E concretizam: “Os meios digitais podem ser um apoio importante”, ainda que “não substituam o contacto presencial, que deve ser realizado sempre que possível”.

Acrescentam, por outro lado, que “não se trata apenas de ouvir as estruturas paroquiais, movimentos e obras”, mas de “perceber as suas dificuldades e escutar as suas propostas”, com base na experiência evangelizadora que experimentam no terreno”.

“Isto inclui, naturalmente, a dimensão do acolhimento às situações de fragilidade – canonicamente afastadas da “comunhão”, uma das ideias-fortes do sínodo – que devem continuar a ser debatidas, de modo a perceber qual a ‘participação’ que cada um pode ter na construção eclesial”.

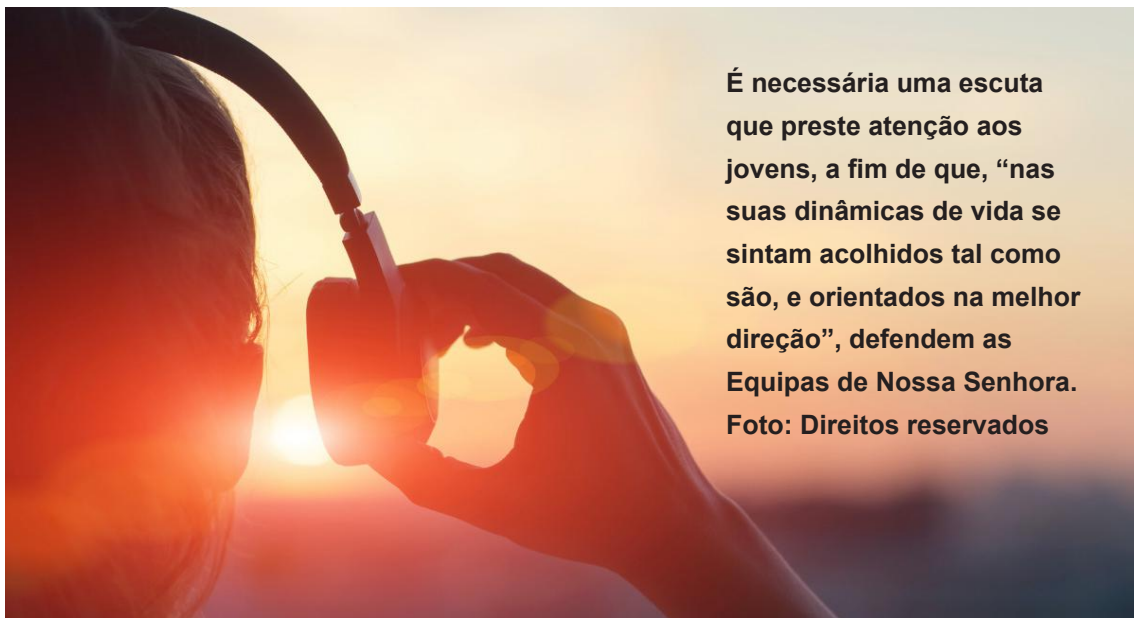
Já as Equipas Jovens de Nossa Senhora propõem uma escuta que preste atenção aos jovens, a fim de que, “nas suas diversas dinâmicas de vida se sintam acolhidos tal como são, e orientados na melhor direção”.

Para a Ação Católica dos Meios Independentes (ACI), é de “primordial importância a escuta dos anseios e sonhos que todos têm” para a Igreja, dando a cada fiel a ocasião para o expressar, “mesmo que isso dê trabalho ou que seja achado de menor importância”.

“Numa Igreja que deve ser a Casa de todos, há que ouvir a todos e a todos ajudar a contruir e a viver num Mundo mais generoso, com mais alegria e fidelidade ao que apre- goamos ser”, conclui a ACI.

Finalmente, O Ninho responde a esta questão reiterando, de forma esquemática, as sugestões que a instituição já havia deixado na [resposta à segunda questão](#) (sobre o papel dos leigos e recomendações aos bispos). Refere, assim, quanto ao âmbito, um trabalho de escuta ao nível de cada paróquia, envolvendo também agnósticos; movimentos com expressão diocesana; um grupo inter-religioso e um sínodo diocesano semestral. Quanto às dinâmicas de escuta, sugere ideias como questionários online com perguntas fechadas, elaborados por equipas de crentes e não crentes; perguntas de rua em questionários abertos; debates animados por um crente e um não crente; encontros de reflexão; entrevistas em órgãos de comunicação social que possam ser utilizadas em debates de temas; e reuniões com pobres e excluídos apoiados pelas paróquias.

***Texto com os contributos de António Marujo,  
Eduardo Jorge Madureira e Jorge Wemans***



**É necessária uma escuta que preste atenção aos jovens, a fim de que, “nas suas dinâmicas de vida se sintam acolhidos tal como são, e orientados na melhor direção”, defendem as Equipas de Nossa Senhora.  
Foto: Direitos reservados**

# Anexo

## Inquérito

# SÍNODO DOS BISPOS 2021-2023

**Por uma Igreja sinodal:  
comunhão, participação e missão**



Por uma Igreja sinodal  
comunhão | participação | missão

*Por uma Igreja sinodal: comunhão, participação e missão*

O Papa Francisco deseja que a o próximo Sínodo dos Bispos integre uma etapa de escuta de todo o Povo de Deus, a ter início em cada diocese, no próximo mês de outubro e terminando em Roma, em outubro de 2023. Este questionário pretende ser um contributo para essa auscultação. É promovido pelo jornal digital 7MARGENS e as respostas, que são anónimas e livres, destinam-se apenas a tratamento estatístico. Apesar de este ser um tema que diz respeito ao funcionamento interno da Igreja Católica, o inquérito é aberto a todos os leitores.

Contamos com a sua resposta **até dia 21 de julho**.

Obrigado.

António Marujo

**I. ONDE ESTAMOS**

Para responder ao desafio do Papa Francisco de aprender a viver numa Igreja verdadeiramente sinodal esta deve começar por tomar consciência da configuração atual em que se move.

A. Exprima o seu grau de concordância relativamente a estas afirmações:

1. ***A Igreja Católica em Portugal caracteriza-se por ser um espaço de acolhimento aberto a todos:***

**Escala: 1 – discordo totalmente; 6 – concordo totalmente**

Ou, caso o seu percurso não lhe permita avaliar a afirmação, escolha, por favor

1	2	3	4	5	6

2. ***A Igreja Católica em Portugal é caracterizada por adotar práticas que facilitam a participação de todos:***

**Escala: 1 – discordo totalmente; 6 – concordo totalmente**

Ou, caso o seu percurso não lhe permita avaliar a afirmação, escolha, por favor

1	2	3	4	5	6

3. *O modo como a **Igreja Católica em Portugal** é conduzida, toma decisões e se apresenta em público está em sintonia com a sua missão:*

**Escala: 1 – discordo totalmente; 6 – concordo totalmente**

Ou, caso o seu percurso não lhe permita avaliar a afirmação, escolha, por favor

1	2	3	4	5	6

B. Exprima o seu grau de concordância relativamente a estas afirmações:

1. *A **comunidade cristã** em que se sente mais envolvido/a é caracterizada por ser um espaço de acolhimento aberto a todos:*

**Escala: 1 – discordo totalmente; 6 – concordo totalmente**

Ou, caso o seu percurso não lhe permita avaliar a afirmação, escolha, por favor

1	2	3	4	5	6

2. *A **comunidade cristã** em que se sente mais envolvido/a é caracterizada por adotar práticas que facilitam a participação de todos:*

**Escala: 1 – discordo totalmente; 6 – concordo totalmente**

Ou, caso o seu percurso não lhe permita avaliar a afirmação, escolha, por favor

1	2	3	4	5	6

3. *O modo como **a comunidade cristã** em que se sente mais envolvido/a é conduzida, toma decisões e se apresenta em público está em sintonia com a sua missão:*

**Escala: 1 – discordo totalmente; 6 – concordo totalmente**

Ou, caso o seu percurso não lhe permita avaliar a afirmação, escolha, por favor

1	2	3	4	5	6



## II. OSBTÁCULOS

1. Quais são, no seu entender, **os principais obstáculos** para que a **Igreja Católica em Portugal** viva em constante processo sinodal:

*[Escolha apenas as duas alíneas com que mais se identifica]*

- a. Reduzida formação teológico-pastoral dos leigos
- b. Vivência infantilizada da fé por parte dos leigos
- c. Pouco interesse dos leigos em assumirem responsabilidades
- d. Entendimento errado do exercício da autoridade na Igreja
- e. Excessivo protagonismo do clero
- f. Incapacidade de as comunidades entenderem os problemas e os desafios do mundo atual

2. Quais são, no seu entender, **os principais obstáculos** para que a **comunidade cristã em que se sente mais envolvido(a)** seja uma comunidade de vida sinodal:

*[Escolha apenas as duas alíneas com que mais se identifica]*

- a. Reduzida formação teológico-pastoral dos leigos
- b. Vivência infantilizada da fé por parte dos leigos
- c. Pouco interesse dos leigos em assumirem responsabilidades
- d. Entendimento errado do exercício da autoridade na Igreja
- e. Excessivo protagonismo do clero
- f. Incapacidade de a comunidade entender os problemas e os desafios do mundo atual

### III. EXPECTATIVAS, INTERESSE E DISPONIBILIDADE

Exprima o seu grau de concordância relativamente a estas afirmações:

1. *O processo que levará ao Sínodo dos Bispos em 2023 vai modificar a Igreja Católica em Portugal de forma radical:*

**Escala: 1 – discordo totalmente; 6 – concordo totalmente**

Ou, caso o seu percurso não lhe permita avaliar a afirmação, escolha, por favor

1	2	3	4	5	6

2. *A convocação e o processo deste Sínodo despertam-lhe interesse:*

**Escala: 1 – discordo totalmente; 6 – concordo totalmente**

Ou, caso o seu percurso não lhe permita avaliar a afirmação, escolha, por favor

1	2	3	4	5	6

3. *Se for chamado/a a participar de alguma forma no debate e na formulação das respostas aos documentos preparatórios do Sínodo, sente-se disponível:*

**Escala: 1 – discordo totalmente; 6 – concordo totalmente**

Ou, caso o seu percurso não lhe permita avaliar a afirmação, escolha, por favor

1	2	3	4	5	6

#### IV. **FRONTEIRAS**

Em sua opinião para que o processo sinodal leve a **Igreja Católica em Portugal** a converter-se às mudanças que se impõem, devem ser ouvidos na sua preparação:

*[Indique apenas a alínea com que mais se identifica]*

- a. Apenas os bispos, presbíteros e demais pessoas consagradas
- b. Também os leigos e leigas mais envolvidos na vida da Igreja
- c. Não apenas o clero e as pessoas consagradas, mas também todos os leigos e leigas
- d. Todos os homens e mulheres que tomem a iniciativa de se pronunciar

#### V. **MEIOS DE ESCUTA**

O Papa Francisco tem insistido em que este Sínodo deve ser precedido de um momento de atenta escuta de todo o Povo de Deus. Ordene de 1 a 5 os seguintes meios que o seu bispo local deveria disponibilizar para proceder a essa escuta:

*[Dê o valor “5” ao mais importante e o valor “1” ao menos relevante]*

- a. Organizar uma assembleia diocesana com representantes do clero e dos movimentos e obras católicas
- b. Lançar um questionário para recolher a opinião e as sugestões das comunidades e movimentos
- c. Organizar conferências abertas à participação de todos para recolher críticas, opiniões e sugestões
- d. Utilizar plataformas e redes digitais e o e-mail, garantindo que todas as opiniões e sugestões recebidas são tratadas
- e. Criar um site em que estejam acessíveis as contribuições recebidas consideradas válidas e se divulgue, a quem nele se inscreva, os vários documentos preparatórios

#### VI. **PARTICIPAÇÃO**

Se o Papa Francisco, ou o seu Bispo local lhe pedissem uma contribuição para integrar nas recomendações ao Sínodo, que sugestão faria?

*[Procure responder até um máximo de 500 caracteres.]*

*[A resposta a esta pergunta é facultativa]*

## **VII. IDENTIFICAÇÃO**

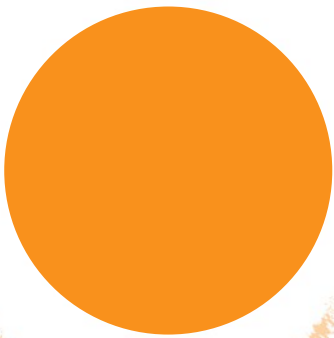
1. Idade
2. Género
3. Profissão
4. Posição perante a religião
  - a. Não crente
  - b. Crente sem religião
  - c. Católico/a
  - d. De outra confissão ou religião
5. Clérigo
  - a. Sim
  - b. Não
6. Membro de Instituto de Vida Consagrada
  - a. Sim
  - b. Não
7. Leigo
  - a. Sim
  - b. Não
8. Diocese
9. Participa na Eucaristia:
  - a. Diariamente
  - b. Semanalmente
  - c. Uma a duas vezes por mês
  - d. Algumas vezes por ano
  - e. Raramente ou nunca
10. Está envolvido em algum movimento ou estrutura católica, ou desempenha algum serviço na sua comunidade?
  - a. Sim
  - b. Não

Cau Gomez (Brasil)  
- O Papa e o Sínodo  
© World Press Cartoon



7MARGENS

# Caderno 7MARGENS sobre o Sínodo



Sínodo  
2021  
2023



Por uma Igreja sinodal  
comunhão | participação | missão